



<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/index>
ISSN: 2359-1870

DEBATENDO O ESPAÇO VIRTUAL EM AULAS DE GEOGRAFIA NO PROEJA

Francisco Fernandes Ladeira¹

Resumo


O presente trabalho relata uma prática pedagógica, realizada na disciplina de Geografia, em que o espaço virtual foi tema de um seminário desenvolvido durante o segundo semestre letivo de 2019, em uma turma de 2º Período do Curso Técnico em Metalurgia Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), campus Vitória, na modalidade Proeja. Na realização do seminário proposto, a turma foi dividida em doze grupos, que variavam entre dois e três componentes. Cada grupo ficou responsável por apresentar um texto que tinha a internet como principal temática. Para a produção deste artigo, observamos as três aulas em que o seminário foi realizado e, posteriormente, relatamos as principais conclusões feitas pelos alunos em suas apresentações, buscando relacioná-las com alguns dos referenciais bibliográficos que abordam o espaço virtual. De maneira geral, os alunos demonstraram bastante interesse pelo seminário, pois, a partir dessa experiência didática, puderam melhor refletir sobre como utilizam a internet em seus cotidianos e também na aquisição de novos conhecimentos. Portanto, consideramos que esta experiência didática, ao trazer a reflexão sobre os riscos e possibilidades do espaço virtual para dentro da sala de aula, devido ao seu considerável êxito, é passível de ser replicada em outras turmas, tanto de Proeja, quanto do designado “ensino regular”.

Palavras-chave: Geografia. Seminário. Espaço virtual. Proeja. Sala de aula.

Francisco Fernandes Ladeira

Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória,
ES, Brasil

<ffernandesladeira@yahoo.com.br>

 <https://orcid.org/0000-0002-0004-8384>

Recebido em:

02/11/2019

Aprovado em:

14/04/2020

¹ Mestre em Geografia pela UFSJ. Professor IFES, Campus Vitória, ES. Articulista do Observatório da Imprensa.

DEBATIENDO EL ESPACIO VIRTUAL EN LAS CLASES DE GEOGRAFÍA EN PROEJA

Resumen

Este artículo informa sobre una práctica pedagógica, realizada en la disciplina de Geografía, en la que el espacio virtual fue el tema de un seminario desarrollado durante el segundo semestre de 2019, en una clase del segundo período del Curso Técnico en Metalurgia Integrada a la escuela secundaria, del Instituto Federal de Espírito Santo (IFES), campus Vitória, en el modo Proeja. Después de llevar a cabo el seminario propuesto, la clase se dividió en dos grupos, que constaban de tres componentes. Cada grupo fue responsable de presentar un texto que tenía a internet como tema principal. Para la producción de este artículo, observamos las tres clases en las que se lleva a cabo el seminario e informamos las principales observaciones y conclusiones que los estudiantes han hecho en sus presentaciones, buscando relacionarlas con algunas de las referencias bibliográficas que abordan el espacio virtual. En general, los estudiantes mostrarán un gran interés en el seminario, porque, a partir de esta experiencia didáctica, podrían reflexionar mejor sobre cómo usar la internet en su vida diaria y también en la adquisición de nuevos conocimientos. Por lo tanto, consideramos que esta experiencia didáctica, además de reflexionar sobre los riesgos y las posibilidades del espacio virtual en el aula, debido a su considerable éxito, podría replicarse en otras clases, tanto el Proeja como la llamada “educación regular”.

Palabras clave: Geografía. Seminario. Espacio virtual. Proeja. Aula.

DEBATING VIRTUAL SPACE IN GEOGRAPHY CLASSES AT PROEJA

Abstract

The present work reports a pedagogical practice, performed in the Geography discipline, in which the virtual space was the theme of a seminar developed during the second semester of 2019, in a class of the 2nd Period of the Technical Course in Integrated Metallurgy to High School, from the Federal Institute of Espírito Santo (IFES), campus Vitória, in Proeja mode. In carrying out the proposed seminar, the class was divided into twelve groups, ranging from two to three components. Each group was responsible for presenting a text that had the internet as its main theme. For the production of this article, we observe the three classes in which the seminar was held and later report the main observations and conclusions made by the students in their presentations, seeking to relate them to some of the bibliographical references that address the virtual space. In general, the students showed great interest in the seminar, because from this didactic experience, they could better reflect on how they use the Internet in their daily lives and also in the acquisition of new knowledge. Therefore, we consider that this didactic experience, by bringing reflection on the risks and possibilities of virtual space into the classroom, due to its considerable success, can be replicated in other classes, both Proeja and the so-called “regular education”.

Keywords: Geography. Seminar. Virtual space. Proeja. Classroom.

Considerações iniciais

O limiar do século XXI tem sido marcado pela consolidação da internet como principal meio de comunicação utilizado pela população mundial (sobretudo os mais jovens). Em 2018, cerca de 4 bilhões de pessoas acessavam constantemente o espaço virtual em todo o mundo (o que equivalia, na época, a 51% da população planetária) (G1, 2018; KEMP, 2018).

No Brasil, o tempo gasto pelos usuários de redes sociais é superior a três horas e meia diárias. Não obstante, os jovens brasileiros passam, em média, mais de nove horas por dia conectados à internet, ou seja, praticamente o dobro do tempo que permanecem na escola (KEMP, 2018).

Entre os fatores que tornam a internet um veículo de comunicação bastante atrativo estão as redes sociais como *WhatsApp*, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, serviços como envio e recebimento de *e-mails*, navegação por *hipertextos* disponíveis, trocas de arquivos, acesso a vídeos *online*, matrículas em cursos superiores e de pós-graduação *lato sensu* na modalidade EAD (Ensino a Distância) e a possibilidade de conhecer novas pessoas através de *chats* e aplicativos.

Diante dessa realidade, Negroponte (1995) afirma que estamos vivendo uma transição da vida baseada em “átomos” para a vida baseada em “bits”, “pois a informática está mudando radicalmente nosso modo de viver e, talvez, de pensar” (CHESNEAUX, 1995, p.109).

No entanto, apesar do constante contato dos jovens brasileiros com o espaço virtual, ainda persiste um vazio significativo entre o potencial das novas tecnologias e a prática escolar. A maioria dos estudantes tem contato com computadores, celulares e *tablets*, porém não consegue usá-los de modo inteligente, crítico e criativo; enquanto, por outro lado, muitos professores continuam desconectados e, não raro, mostram-se resistentes em incorporar as novas tecnologias em sua prática didática (DEMO, 2011).

Segundo Masetto (2009), a educação escolar não tem valorizado o uso de tecnologias como possibilidade de se fomentar novas práticas pedagógicas que possam produzir avanços significativos no processo de ensino-aprendizagem.

Para este autor, o que se tem buscado é o mero aperfeiçoamento de técnicas antigas e não a criação de um novo paradigma. Consequentemente, a incorporação da tecnologia no ambiente escolar tem sido pautada por inúmeras contradições. De um lado, o professor, formado a partir de uma pedagogia baseada no acúmulo de informações; de outro lado, os alunos, em constante contato com as tecnologias digitais, dentro e fora do ambiente escolar.

Seguindo essa linha de raciocínio, Sibilia (2012, p. 13) compara a escola a uma espécie de “máquina antiquada”, em que seus componentes e “seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI”. Isso significa que as instituições escolares surgidas no limiar da modernidade capitalista – com suas metas a longo prazo, rotinas fixadas, regras e padrões pré-estabelecidos que enclausuram os indivíduos num espaço delimitado por paredes, grades e fechaduras – soam anacrônicas para os (dispersos) jovens contemporâneos, socializados primariamente não mais pela família, mas pelo contato

ativo com os meios de comunicação, acostumados com a informação efêmera presente das redes sociais e inaptos para os mecanismos disciplinadores típicos das instalações escolares.

Sendo assim, “enquanto os alunos de hoje vivem fundidos com diversos dispositivos eletrônicos e digitais, a escola continua obstinadamente arraigada em seus métodos e linguagens analógicas” (SIBILIA, 2012, p. 181).

Não por acaso, um conhecido jargão pedagógico aponta que, no Brasil, ainda há uma escola no século XIX, professores no século XX e alunos no século XXI. Nesse sentido, autores como Prensky (2001) e a anteriormente citada Sibilia (2016) se referem aos discentes como “Nativos Digitais”, pois eles habitualmente detêm com maior facilidade o avanço tecnológico; em contraposição aos docentes, “Imigrantes Digitais”, frutos de uma geração anterior à popularização das novas tecnologias.

De acordo com Prensky (2001), os “Nativos Digitais” representam as primeiras gerações que cresceram com as novas tecnologias. Eles passaram a vida inteira cercados de computadores, vídeo games, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da Era Digital. Atualmente, em média, um aluno de um curso de graduação passou menos de 5.000 horas de sua vida lendo, porém, mais de 10.000 horas jogando vídeo games e 20.000 horas assistindo à televisão. Os jogos de computadores, correio eletrônico, a internet, os telefones celulares e as mensagens instantâneas são partes integrantes de suas vidas.

Os “Nativos Digitais” estão acostumados a receber informações muito rapidamente, possuem uma biblioteca em seus *laptops*, gostam de processamentos paralelos e realizar múltiplas tarefas, preferem gráficos a textos, priorizam o acesso aleatório (como ocorre no *hipertexto*), trabalham melhor quando ligados a uma rede de contatos e gostam de gratificações instantâneas, prêmios e reconhecimentos frequentes (PRENSKY, 2001; SILVA, 2011).

Em contrapartida, os “Imigrantes Digitais” são aqueles indivíduos que não nasceram no mundo digital, mas em alguma época de suas vidas ficaram fascinados e adotaram muitos ou a maioria dos aspectos das novas tecnologias. Os “Imigrantes Digitais” aprendem – como todos imigrantes, alguns mais do que os outros – a adaptar-se ao ambiente. Eles mantêm, em certo grau, seu “sotaque”, isto é, o seu “pé no passado”. O “sotaque” do “Imigrante Digital” pode ser percebido de diversas formas, como no modo como acessa à internet para a obtenção de informações, na leitura de um manual para um programa, em vez de assumir que o programa lhe ensinará como utilizá-lo, na impressão de um *e-mail* recebido ou na necessidade de se imprimir um documento escrito no computador para editá-lo (ao invés de editá-lo na própria tela) (PRENSKY, 2001; SILVA; ROCHA, 2013).

Desse modo, levando em consideração as observações anteriormente citadas, e a necessidade de que mais pesquisas empíricas abordem a percepção dos alunos brasileiros sobre o uso da internet, o presente trabalho relata uma prática pedagógica, realizada na disciplina de Geografia, em que o espaço virtual foi tema de um seminário desenvolvido durante o segundo semestre letivo de 2019, em uma turma de 2º Período do Curso Técnico em Metalurgia do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação

Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), *Campus Vitória*.

Para tanto, observamos as três aulas em que o seminário foi realizado e posteriormente, relatamos as principais conclusões feitas pelos alunos em suas apresentações, buscando relacioná-las com alguns dos referenciais bibliográficos que abordam os riscos e as possibilidades do espaço virtual.

1. Metodologia

No presente trabalho optamos por adotar como referencial metodológico a pesquisa exploratória, a partir da perspectiva de um estudo de caso, o que significa analisar de maneira sistemática uma determinada realidade e suas peculiaridades. Segundo Gil (1988), a pesquisa exploratória permite um maior conhecimento para o pesquisador a respeito de um assunto específico, possibilitando assim que ele possa compreender o cotidiano escolar como oportunidade de vivências únicas e impregnadas de sentido (GODOY, 1995; GIL, 1988). Desse modo, a opção pela realização de estudo de caso se deve pela possibilidade que essa perspectiva tem em retratar a realidade de forma complexa e profunda (LÜDKE; ANDRÉ, 2003).

Nesse sentido, com o objetivo de dar voz aos sujeitos-objetos que participaram desta pesquisa empírica, o que significa valorizar as reflexões discentes como aspectos fundamentais do complexo processo de ensino-aprendizagem, optamos por citar algumas das falas mais emblemáticas dos alunos nas descrições dos resultados obtidos.

O estudo de caso aqui relatado foi observado em três aulas da disciplina de Geografia, em uma turma de 2º Período do Curso Técnico em Metalurgia Integrado ao Ensino Médio, do IFES, *Campus Vitória*, na modalidade PROEJA. A turma em questão contava, à época de nossa observação, com 30 alunos frequentes, sendo a média de idade 24 anos (fator que, em tese, faz com que a maioria dos estudantes se enquadre no perfil de “Nativos Digitais”, conforme o destacado na introdução do presente trabalho).

Também é importante frisar que docente e discentes tinham pleno conhecimento de que a prática pedagógica por eles protagonizada seria relatada neste artigo, preservando devidamente o anonimato de todos os envolvidos.

2. Organização da prática pedagógica

Antes de iniciar a prática pedagógica relatada neste artigo, em conversa reservada, o professor de Geografia nos falou sobre os propósitos de realizar um seminário sobre o espaço virtual:

Estou trabalhando com os alunos sobre o espaço industrial mundial. Falamos sobre as revoluções industriais; e a chamada “4ª Revolução Industrial” tem entre seus principais pilares a informática. No que tange à Geografia, em especial, a internet tem provocado diversas modificações nas noções de tempo e espaço. Assim, considero ser interessante promover reflexões com os alunos a respeito de como o espaço virtual impacta a sociedade, de maneira geral, e o processo de ensino-

aprendizagem, em particular. No ano passado, fiz este mesmo trabalho nas turmas da manhã [cursos técnicos integrados ao ensino médio “regular”], com alunos entre 15 e 16 anos. Perguntei a eles se os professores de outras disciplinas já haviam falado ou comentado brevemente em sala de aula sobre os possíveis aspectos positivos e negativos da internet. As respostas, em todas as turmas, foram um unânime “não”. (PROFESSOR DO PROEJA, 2019).

O seminário em questão foi intitulado “O espaço virtual: riscos e possibilidades”. Nesta prática pedagógica, o professor utilizou doze artigos sobre a internet, publicados no jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte (MG), entre os anos de 2014 e 2019. Os textos trabalhados foram divididos em duas grandes áreas: “Influência do meio virtual nas relações sociais” e “Impactos da internet no processo de ensino-aprendizagem”, conforme demonstra o quadro a seguir:

Quadro 1 - Áreas apresentadas no seminário “O espaço virtual: riscos e possibilidades” e os seus respectivos textos

Área 1 – Influência do meio virtual nas relações sociais	Área 2 – Impactos da internet no processo de ensino-aprendizagem
Vida real e vida virtual	Os leitores de posts
Vida real e vida virtual ²	Explicando o óbvio
Grande e único	Geração Ctrl +C, Ctrl+V
Múltiplas realidades	Aliada, não inimiga
Cibridismo	Fake News
Dependência tecnológica	Os haters

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Os artigos presentes na área 1 – “Influência do meio virtual nas relações sociais” – buscam compreender como computadores, telefones celulares e *tablets*, entre outros aparatos tecnológicos, podem influenciar a sociedade e ressaltam como as redes sociais modificam as relações interpessoais e as noções de passado e presente.

Segundo o conceito de “ecologia da mídia”, presente em McLuhan (1971), o surgimento de um meio de comunicação provoca mudanças consideráveis não somente nas outras mídias já existentes, mas afeta de maneira decisiva o funcionamento da sociedade, gerando novas formas de organização da vida cotidiana.

As modificações na emissão dos produtos midiáticos e a recepção da sociedade são vias de mão dupla. Ressonâncias das mudanças dos processos tecnológicos nas mídias, nas quais a sociedade modifica as mídias e essas modificam a sociedade. O contínuo envolvimento entre homem e máquina e o processo de interação com os meios tecnológicos proporcionam a extensão e a (re)significação das possibilidades humanas, através de ondas de rádios, fibras óticas, cabos, plasmas e LCD digitais (COUTO et al., 2008, p. 106).

Já os textos da área 2 – “Impactos da internet no processo de ensino-aprendizagem” – demonstram como o meio virtual transformou a produção e difusão de conhecimentos.

² Os dois primeiros artigos trabalhados no seminário possuem o mesmo título, porém têm conteúdos e subtítulos diferentes.

Conforme aponta Lévy (2002), além do fator humano, o ato de conhecer também está intrinsecamente ligado às modificações técnicas. Ou seja, se a capacidade humana pode criar ou modificar a tecnologia, o efeito inverso também ocorre, pois, os recursos tecnológicos influenciam a forma pela qual as pessoas adquirem conhecimento, gerando novas maneiras de pensar, representar e conviver que influenciam decisivamente múltiplos aspectos de nossa realidade. Portanto, cada nova tecnologia transforma as formas de aprender, conhecer e pensar, proporcionando novas dinâmicas e interações entre sujeitos, objetos e o meio ambiente.

Sendo assim, hábitos do indivíduo contemporâneo – como o uso excessivo de telefones celulares, computadores e *tablets*, desde a infância até a vida adulta – podem estar provocando mudanças radicais na forma como as pessoas de maneira geral processam a informação que leem ou que “padrões cerebrais” diferenciados as levariam a ter outras aptidões e lacunas” (SIBILIA, 2012, p. 75).

Para Guerra (2010), é provável que a exposição maior a informações visuais e auditivas, em detrimento de informações verbais escritas, venha a diminuir as habilidades de linguagem escrita do ser humano e, por outro lado, a ampliar habilidades visuais. Citando Juan Vansen (2008), Sibilia (2012) afirma que os múltiplos estímulos simultâneos e as constantes distrações do mundo contemporâneo provocam vivências “dominadas pela percepção” que se opõem à aprendizagem clássica que exigia a consciência, a memória e a palavra para gerar uma experiência.

Para realizar o seminário proposto, a turma foi dividida em doze grupos, que variavam entre dois e três componentes. Os textos que cada grupo deveria apresentar foram decididos por meio de um sorteio realizado na presença de todos os alunos.

Finalizado o sorteio, o professor explicou que cada grupo apresentaria oralmente o seu texto, entre 5 e 7 minutos e, após a apresentação, haveria um breve debate sobre o conteúdo do artigo apresentado, e assim sucessivamente, desde o primeiro até o último grupo. Para tanto, foi concedido um prazo de três semanas entre a data do sorteio e o início do seminário para que os grupos tivessem tempo hábil para prepararem as suas respectivas apresentações.

O docente também informou que, no prazo de três semanas após o término do seminário “O espaço virtual: riscos e possibilidades”, cada grupo deveria elaborar e entregar um trabalho escrito sobre o artigo lido e apresentado em sala de aula.

3. Resultados e discussões

3.1. Textos da “Área 1” – “Influência do meio virtual nas relações sociais”

Minutos antes de iniciar o seminário “O espaço virtual: riscos e possibilidades”, o professor teceu algumas palavras sobre a importância de se debater o espaço virtual na escola, espaço privilegiado para a formação crítica do cidadão, e afirmou esperar que, após as discussões, os alunos refletissem mais sobre como utilizam a internet em seus cotidianos. Lembrou também que o chamado espaço cibernético se concretizou nos últimos anos como

um espaço geográfico contemporâneo onde as diferentes relações sociais encontram continuidade.

O primeiro grupo apresentou o artigo “Vida real, vida virtual” (cujo subtítulo é “‘Facebookzação’ da realidade”), que mostra como, atualmente, as relações sociais, cada vez mais baseadas na superficialidade e na aparência, passam a ser mediadas pela tela do computador, “onde cada um tenta se exibir da melhor maneira possível, de frente e perfil – ou seja lá como for – para montar a performance do que se é” (SIBILIA, 2012, p. 137)³.

Logo no início da apresentação, um membro do grupo lançou dois questionamentos: Hoje em dia, quem não tem uma rede social? O que as pessoas estão fazendo com os seus perfis? Em sequência, ele citou os chamados “millenials”, jovens que “já nasceram com a popularização da internet”, que, em muitas ocasiões, “ficam só naquele mundo [virtual], não saem de casa”, fator que “atrapalha a vida social”⁴.

Já outro aluno destacou que a internet causa vários impactos na sociedade – tanto positivos, quanto negativos – e lamentou a falta de estudos para analisar estes impactos de maneira mais aprofundada: “Existem esses impactos, mas precisam ser melhor analisados”.

Também foi destacada a comodidade comunicacional proporcionada pela internet:

Eu nasci em 1992. Antigamente, se você quisesse falar com alguém de longe, precisava escrever uma carta. Eu não sabia escrever carta. Hoje, eu falo com os meus parentes, pela internet. Eu converso bastante com um tio meu que mora em Portugal há dez anos. [...] “Reencontrei” vários amigos dos tempos de escola pela internet (ALUNO DO PROEJA, 2019).

Terminada a apresentação, o professor destacou a importância de os alunos buscarem relacionar os conteúdos dos textos de suas apresentações aos seus cotidianos, elogiou o fato de o primeiro grupo ter feito este tipo de procedimento e, visando tranquilizar os membros dos outros grupos (alguns nitidamente nervosos), afirmou que a apresentação em sala de aula é algo absolutamente tranquilo.

O segundo texto apresentado – “Vida real, vida virtual” (subtítulo “representações e realidade”) – discute como as pessoas constroem personagens de si mesmas nas redes sociais. “Personagens que, diga-se de passagem, pouco ou nada têm a ver com a realidade”, afirmou o professor.

³ A palavra “facebookzação” é um neologismo criado para demonstrar como as redes sociais têm gerado profundas modificações na existência humana.

⁴ Provavelmente, ao citar os “millenials”, o discente quis se referir à chamada “Geração Z”, indivíduos que nasceram entre meados da década de 1990 e 2009; portanto mais jovens que os “millenials”, nascidos ainda na década de 1980 (também conhecidos como “Geração Y”). Bauman e Donskis (2014, p. 183) apontam que os membros da Geração Z são os primeiros a nascer em um mundo em que a internet já havia se popularizado e a conhecer, assim como praticar, a comunicação digital em “tempo real”. Desse modo, segundo estes autores, se compartilharmos a avaliação de que o advento da informática é como um divisor de águas na história humana, também é plausível concebermos a Geração Z com um marco na história da cultura. Muitas vezes avessas às tradições, “as perguntas que essa geração tem por hábito apresentar são amplamente dirigidas aos autores anônimos da Wikipédia ou aos amigos do Facebook e viciados no Twitter – mas não a seus pais, chefes ou ‘autoridades públicas’, dos quais não parecem esperar respostas relevantes, muito menos legítimas, confiáveis e, portanto, dignas de atenção” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 183).

Ao iniciar a apresentação, para ilustrar a sua fala, um aluno citou uma reportagem do programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, transmitido no domingo anterior à aula, sobre a probabilidade de, no ano de 2050, a “vida virtual” superar a “vida real”. No entanto, segundo o discente, já no ano de 2019, em muitos aspectos de nossa existência, já há a sobreposição do virtual sobre o real. “Hoje as pessoas já têm microchips implantados sob a pele que permitem pagar contas ou abrir o portão de casa e isso vai ser cada vez mais normal” (ALUNO DO PROEJA, 2019).

Percebemos, nessa observação, uma ideia presente no conceito de “Internet das Coisas”, proposto por Kevin Ashton (2009). Segundo este autor, a “Internet das Coisas” se refere à revolução tecnológica que tem como objetivo conectar os equipamentos usados no cotidiano à rede mundial de computadores, fazendo com que o mundo físico e o digital se tornem um só, através de dispositivos que se comunicam entre si:

Atualmente não só computadores convencionais estão conectados à internet, como também uma grande heterogeneidade de equipamentos, tais como TVs, laptops, geladeira, fogão, eletrodomésticos, automóveis, smartphones, entre outros. [...] Com o uso dos objetos inteligentes será possível detectar seu contexto, controlá-lo, viabilizar troca de informações uns com os outros, acessar serviços da internet e interagir com as pessoas. Em paralelo, uma gama de novas possibilidades de aplicações surge, como, por exemplo, cidades inteligentes (smart cities); saúde (smart healthcare); casas inteligentes (smart home) e desafios emergem (regulamentações, segurança, padronizações) (MANCINI, 2017, p. 16).

Ainda durante a apresentação do segundo grupo, uma aluna enfatizou as diferenças entre as “personalidades virtuais” e as “personalidades reais”: “Conheço pessoas que são meus amigos virtuais, conversam comigo pela internet, mas na rua, me veem e não me cumprimentam”. Segundo essa estudante, as pessoas “levam mais a sério a vida virtual do que a vida real” e “a autoestima de muitas adolescentes depende de quantas ‘curtidas’ as suas fotos nas redes sociais recebem”.

De fato, uma pesquisa realizada com duas mil jovens britânicas, entre 16 e 25 anos de idade, demonstrou que há uma tendência significativa das novas gerações em sofrer de “selfie-estima”, o que significa relacionar a própria confiança corporal com a quantidade de “curtidas” que recebem em uma foto postada nas redes sociais. As participantes da pesquisa permanecem, em média, cinco horas por semana tirando fotos de si mesmas para postarem em seus perfis virtuais. A cada sete fotos que essas jovens pensam em postar, apenas uma é escolhida. Uma em cada dezesseis participantes armazena pelo menos 150 *selfies* em seus computadores e *smartphones*. 22% afirmaram que as “curtidas” virtuais impulsionam o seu ego. Um quinto admitiu que havia postado fotos sugestivas de si mesma para fazer com que um ex-parceiro se arrependesse de ter terminado o relacionamento. Já 27% das jovens afirmaram que apagam *selfies* em poucos minutos, se as fotos não ganharem “curtidas” suficientes nas redes sociais (STRICK, 2015).

“Grande e Único” – o terceiro artigo apresentado – aponta que a constante exposição de aspectos íntimos das pessoas na internet tem provocado uma relativização sobre a ideia de privacidade.

Antes do início da apresentação, o professor teceu observação a seguir:

Lembro que, no natal de 2017, eu fiquei “conhecendo” a família de praticamente todos os meus amigos virtuais através da *timeline* do *Facebook*. Assim, os aspectos mais íntimos das famílias, antes restritos, agora estão à exposição de todos. Até mesmo quem não tem perfil nas redes sociais, geralmente as pessoas mais idosas, passa a estar exposto em suas intimidades familiares, tipo em uma imagem de sua cozinha. (PROFESSOR DO PROEJA, 2019).

De acordo com os alunos que apresentaram o texto “Grande e Único”, há dois tipos de privacidade: a “privacidade física”, ainda protegida pelas paredes das casas; e a “privacidade virtual”, quando “sua foto é vista por milhares de pessoas na internet”.

Ao discorrer sobre o conceito de “privacidade”, um aluno, na faixa de 40 anos, utilizou o seu exemplo pessoal:

Quando eu era criança não tinha privacidade dentro de casa, entre família. Meus pais, meus irmãos e eu, a gente dormia na mesma cama. Mas, com a porta trancada, o povo de fora não sabia o que acontecia lá em casa. Hoje, eu moro com a minha mulher e os dois filhos dela, eles têm os quartos separados do nosso. Para entrar nos quartos deles, bato na porta e peço licença. Eles já têm a sua privacidade. Não sei o que eles fazem nos seus quartos, se eles postam fotos lá de casa na internet. (ALUNO DO PROEJA, 2019).

Interessante constatar nesse exemplo que, quando o aluno morava com o seus pais, não havia privacidade dentro de casa, porém a intimidade familiar era resguardada das outras pessoas. Atualmente, como ele colocou, há privacidade dentro de casa, porém a possibilidade de os jovens postarem fotos de seus quartos faz com que a intimidade familiar possa ser compartilhada por outras pessoas.

Durante os comentários uma aluna observou que a perda da privacidade pode acontecer já no momento do nascimento, pois, em muitas ocasiões, partos são filmados e disponibilizados nas redes sociais.

De acordo Bauman e Lyon (2013), o acesso às redes sociais por usuários de todo o planeta tem ocasionado o fenômeno contemporâneo designado como “morte do anonimato”, em que “submetemos à matança nossos direitos de privacidade por vontade própria” (BAUMAN; LYON, 2013, p. 20), tornando cada indivíduo conectado à internet em um potencial “paparazzo de si mesmo” (CHAO, 2012), capaz de “ficcionalizar o próprio eu como se estivesse sendo constantemente filmado, como se vivesse dentro de um *reality-show* ou nas páginas multicoloridas de uma revista [...] fazendo da própria realidade um espetáculo orientado para os olhos dos outros” (SIBILIA, 2012, p. 336).

As redes sociais, assim como os *reality shows*, por exemplo, ensinam e permitem consumir o anseio de ser vigiado ou, em termos mais exatos, visualmente consumido. Por isso, se a subjetividade contemporânea se torna “controlada”, isso não se dá como feito de um panóptico externo que vigia e normaliza todos os cidadãos sob o peso moral da lei, mas pela ameaça de exclusão – ou até de inexistência – que pode ser provocada pela falta de alguém que (me) olhe. (SIBILIA, 2012, p. 169).

O quarto grupo apresentou o artigo intitulado “Múltiplas realidades”, que aborda como passado e presente convivem simultaneamente nas *timelines* das redes sociais, o que pode fazer com que determinadas postagens pretéritas causem certos incômodos no presente.

As alunas frisaram que “o *Facebook* lembra o nosso passado constantemente” e “a necessidade de ser visto [gerada pelas redes sociais] faz com que a gente faça uma postagem de algo que pode ser motivo de constrangimento no futuro”. Lembraram também que muitas empresas, ao selecionarem os seus funcionários, costumam procurar por suas redes sociais. Consequentemente, fotos de bebedeiras, xingamentos ou discursos de ódio postados no *Instagram*, *Twitter* ou *Facebook* podem impedir a admissão em um futuro emprego.

Aspectos de nossa intimidade, [...] que em outras épocas se limitavam ao âmbito privado (ou, no máximo, eram compartilhados com familiares e amigos mais próximos), a partir do momento em que são postados no *Instagram* ou *Facebook*, passam a ser de “domínio público”. Sendo assim, através do espaço virtual, podemos conhecer o passado de uma pessoa, mesmo sem ter convivido com ela em outras épocas. Basta uma análise minuciosa sobre a *timeline* alheia. [...] Como, ao longo de nosso processo de amadurecimento, tendemos a mudar nossos pensamentos, é bastante provável que relembra determinados fatos nos cause certo incômodo. Se antes essas lembranças ingratas estavam apenas em nossas memórias, com a intimidade compartilhada nas redes sociais, aspectos negativos de nosso passado também podem ser “evocados” por outros (LADEIRA, 2019, p. 17).

Nesse sentido, o professor lembrou o caso da deputada catarinense Ana Campagnolo, conhecida por seus discursos moralistas e pela perseguição a professores nas redes sociais. No entanto, a parlamentar não contava que internautas resgatariam um antigo tuíte em que ela fazia apologia do uso de maconha.

Não adiantou excluir a conta no *Twitter*, o “estrago” já havia sido feito, e as redes sociais foram tomadas por postagens que questionavam a incoerência entre a atitude pretérita e a atual postura da deputada, no melhor estilo “faça o que eu digo, não o que faço”. Um “*print*” já é suficiente para “eternizar” uma postagem infeliz, independentemente da vontade de seu autor. A *internet* promoveu algo outrora inimaginável: a coexistência entre passado e presente, a sobreposição de múltiplas realidades (PROFESSOR DO PROEJA, 2019).

Em sequência, o texto “Cibridismo” analisa o conceito homônimo cunhado por Martha Gabriel (2013), cujo significado remete à expansão do ser humano para além de seu corpo biológico, realizada através de diferentes plataformas digitais, tornando possível sua coexistência em uma realidade mista, a partir da integração entre os mundos “*on*” e “*offline*”⁵. Desse modo, conforme bem frisou um aluno, a evolução da tecnologia faz com que a nossa memória “migre” para os dispositivos digitais (“memória transativa”), como são os casos das agendas e dos “lembretes” que temos em nossos telefones celulares.

Por sua vez, o professor destacou o fato de podermos abrir várias “janelas” em nossos celulares relativiza a noção de “espaço geográfico”, pois podemos estar fisicamente em uma determinada cidade, mas virtualmente em vários lugares ao mesmo tempo. Ele também fez um breve histórico sobre o uso da internet no Brasil:

A internet se popularizou no Brasil no início dos anos 2000, mais ou menos. Porém, era a “internet discada”; para não pagar muito caro, as pessoas entravam mais após a meia-noite ou aos finais de semana. Depois veio a “internet banda larga” e o acesso aumentou bastante, a qualquer hora do dia. Em 2004, surgem as redes sociais, o que

⁵ O termo “cibridismo” foi formado a partir da justaposição das palavras “cyber” e “híbrido”.

“revolucionou” a ideia de internet. Por volta de 2014, ou um pouco antes, surge a internet pelo celular, o que permitiu as pessoas ficarem *online* mesmo longe de casa. Conexão 24 horas por dia. Aí surge o “cíbrido”. Todas essas evoluções em apenas 20 anos.

Para Gabriel (2013), o “cíbrido” possui uma característica que, de acordo com a principal tradição religiosa ocidental, só remeteria a Deus: a “onipresença”. Essa questão chamou a atenção de uma aluna durante a apresentação do texto “Cibridismo”:

Nossa! O ser humano tomou posse de um título que, anteriormente, era somente um arquétipo divino: o conceito de onipresença. Com o advento tecnológico tornou-se possível estar em todos os lugares e em nenhum ao mesmo tempo (ALUNA DO PROEJA, 2019).

Outra discente completou:

Não é incomum nos depararmos com a cena de várias pessoas no mesmo lugar, cada uma com o celular na mão. Estão juntas, mas separadas: se encontram em outro lugar. Ou melhor, outros. [...] Não é por acaso que casos de abstinência tecnológica sejam cada vez mais comuns. Durante horas diárias o tempo que poderia ser investido em algo mais produtivo se perde em meio a tanta informação e entretenimento acessível (ALUNA DO PROEJA, 2019).

Nesta observação, a aluna já adiantaria a temática discutida no texto que fecharia a primeira etapa do seminário, “A dependência tecnológica”, que alerta para o fato de que as novas tecnologias trazem, como efeitos colaterais, novas ansiedades, como a necessidade de se manter conectado o tempo todo, de atualizar o perfil nas redes sociais diariamente, de verificar a conta de *e-mail* a cada dez minutos ou de responder instantaneamente as mensagens no *WhatsApp*.

No começo da apresentação, um aluno destacou que a internet, atualmente, é um “vício”, assim como cigarros, bebidas alcoólicas, jogos de azar e atividades ilícitas, e que também provoca “crises de abstinências”. No que ele designou como “sociedade do excesso”, todos buscam o prazer ilimitado, estão vulneráveis a vários estímulos sensoriais, os relacionamentos são “líquidos” (lembrando expressão usada por Bauman) e há a necessidade de se ostentar cada vez mais, fatores que devem ser demonstrados através de postagens na internet. Daí, segundo o aluno, a “dependência tecnológica”, uma forma de tentar suprir o vazio existencial.

Essa colocação corrobora com a ideia de Marx (2008) de que, no capitalismo, os bens materiais, ao serem fetichizados, ocultam o trabalho social utilizado em sua produção e também passam a assumir qualidades que vão além da mera materialidade. As coisas são personificadas e as pessoas são coisificadas. Em outros termos, um automóvel de luxo, uma mansão em um bairro nobre, um *smartphone* de última geração ou ostentar objetos de determinadas marcas famosas são alguns dos fatores que conferem maior valorização e visibilidade social a um indivíduo (LADEIRA; LEÃO, 2018).

Já o acesso frequente à internet pode trazer alguns riscos para a saúde psíquica de um indivíduo. Um estudo realizado em conjuntos entre a Universidade de Stony Brook, a Universidade do Estado da Pensilvânia e a Universidade de Wisconsin (todas sediadas nos

Estados Unidos indicou que quanto mais tempo adolescentes passam em frente a uma tela, piores são seus sintomas de insônia e menor a duração de seu sono, assim como mais severos os relatos de sentimentos depressivos⁶ (O TEMPO, 2018).

No tocante à atual necessidade social de se manter frequentemente conectado à internet, uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou que a popularização dos aparelhos digitais também tem sido responsável por mudanças de hábitos e prioridades de consumo dos brasileiros. Entre 2008 e 2018, dobraram os gastos das famílias brasileiras com planos de internet móvel e fixa, telefonia, planos de TV e jogos móveis. O estudo apontou que, em apenas dez anos, os gastos com serviços de telefonia, internet e TV tiveram, em média, um aumento de 0,6% para 1,1% do orçamento familiar. Em 2018, as despesas com pacotes de internet banda larga e TV já eram maiores do que os gastos com gás de cozinha, consultas médicas, brinquedos e livros/revistas.

Ainda de acordo com a pesquisa, o aumento das despesas com os novos serviços foi maior entre os mais pobres, com rendimentos de até dois salários mínimos. Para as famílias nessa faixa de renda, o peso dos pacotes de telefonia e internet no orçamento aumentou cinco vezes. Já para as famílias da elite econômica, com renda superior a 25 salários, o crescimento foi menor, aumentando um terço entre 2008 e 2018 (FABIANO, 2019; IBGE, 2019)⁷.

Durante os comentários sobre o texto “A dependência tecnológica”, um aluno falou sobre a sua relação com a internet:

Quando passei no processo seletivo [do IFES] decidi excluir todas as minhas redes sociais – *Facebook, Twitter e Instagram* – para não me atrapalhar nos estudos. Só tenho *WhatsApp*, e mesmo assim olho pouco. Também no trabalho as redes sociais me atrapalham bastante (ALUNO DO PROEJA, 2019).

Assim como o exemplo acima, muitos docentes também subestimam o potencial informativo e didático das redes sociais. Em uma pesquisa acadêmica, ao perguntarem para duzentos professores de Geografia sobre a intensidade com que recorrem ao Facebook para prepararem suas aulas sobre geopolítica ou para se manter informados sobre os principais acontecimentos nacionais e internacionais, Ladeira e Leão (2018) constaram que apenas 13% dos entrevistados utilizavam o potencial pedagógico das redes sociais.

3.2. Textos da área 2 – “Impactos da internet no processo de ensino-aprendizagem”

O artigo “Os leitores de posts” – sétimo texto debatido – discorre sobre os indivíduos que, a partir da mera leitura do título de um determinado texto, já se consideram aptos a

⁶ Participaram da pesquisa 2.865 adolescentes com idade média de 15 anos e dos quais 51% eram do sexo masculino e 49% do sexo feminino. O levantamento incluiu informações sobre duas questões ligadas diretamente ao sono – sintomas de insônia e duração habitual do sono nos dias de semana – e sobre sintomas depressivos, com os adolescentes também relatando o tempo diário em horas que gastavam em quatro atividades envolvendo telas – mensagens em redes sociais, navegação na internet, assistir programas de TV ou filmes e jogar videogames.

⁷ A pesquisa do IBGE entrevistou 58 mil pessoas, em 1900 cidades, durante todo o ano de 2018.

emitir seus posicionamentos. “As pessoas não procuram o conhecimento pleno antes de dar uma opinião”, afirmou um aluno no começo da apresentação de seu grupo.

Em sequência duas perguntas foram apresentadas à turma: Quem antes de fazer uma postagem faz um estudo antes para entender o que está comentando? Quem tem o hábito de leitura?

Um teor pessimista em relação às novas tecnologias da informação e comunicação marcou a apresentação do grupo. Para os alunos, “as pessoas usam a internet para o mal: postar bobagens. Postam suas opiniões nas redes sociais sem saber se o que estão dizendo é verdade ou mentira, não respeitam mais ‘opiniões técnicas’ sobre um determinado assunto”.

Segundo Wolf (2019), o fato de lermos cada vez mais em telas, em vez de papel, e a prática cada vez mais comum de abordar superficialmente múltiplos textos e postagens podem estar dilapidando nossa capacidade de entender argumentos complexos, de realizar uma análise crítica do que lemos e até mesmo de criar empatia por pontos de vista diferentes do nosso.

Para essa autora, como os hábitos digitais tendem a favorecer uma leitura pouco aprofundada, em que apenas passamos os olhos por textos diversos, a habilidade de entender argumentos complexos – quer estejam presentes em um contrato legal, em um livro, em uma reportagem mais longa – pode ser “atrofiada” caso não seja exercitada.

Lembrando Vasen (2008), como nossa época demanda mais “velocidade” do que “consistência”, a “opinião” tende a substituir o pensamento, e a “informação” ocupa o lugar do “conhecimento”.

O oitavo texto debatido, “Explicando o óbvio”, aponta que, antes do advento das redes sociais, questões como o formato da Terra, a eficácia de determinadas vacinas ou a associação do nazismo à extrema direita, por serem bastante óbvias, não eram colocadas em xeque. No entanto, nos últimos anos, a internet tem se tornado um terreno fértil para falsificações científicas e históricas como as citadas anteriormente.

Nesse sentido, os alunos mencionaram as páginas virtuais dos chamados “terraplanistas” (que acreditam que a Terra seria plana), os movimentos que questionam a eficácia de determinadas vacinas e as narrativas históricas que negam o caráter golpista do movimento civil-militar de 1964 ou associam o nazismo alemão à esquerda política constantemente presentes em comentários nas principais redes sociais.

De acordo com um membro do grupo, “as informações falsas, em que as pessoas não se preocupam em saber o que é real, são distribuídas pela internet no mundo inteiro, porém podem ser desmascaradas na própria internet”.

Ao mencionar o movimento anti-vacina, um aluno afirmou que, na 4ª Revolução Industrial, muitas vacinas foram produzidas “para matar pessoas, principalmente da ‘terceira idade’, como forma de controle populacional”. No entanto, ao ser questionado sobre a veracidade desta informação, o discente não soube indicar a fonte ou tampouco apresentou algum argumento consistente para corroborar a sua fala.

Finalizada a apresentação, o professor advertiu:

Basta uma simples análise sobre as origens do movimento nazista para concluir que o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (o Partido Nazista) estava enraizado em tendências extremistas de direita que já existiam ao fim da Primeira Guerra Mundial. Entretanto, mesmo com a hipótese de que o nacional-socialismo teria sido um fenômeno de esquerda sendo considerada um absurdo na Alemanha, e embora nenhum historiador profissional classifique a ditadura nazista como esquerdista, nas redes sociais milhares de “especialistas” teimam em associar nazismo à extrema esquerda (PROFESSOR DO PROEJA, 2019).

“Geração Ctrl +C, Ctrl+V” – nono texto apresentado – argumenta que o próprio sistema escolar, ao valorizar mais a “reprodução” do que a “criação” de conhecimentos, estimula que o aluno, em suas pesquisas escolares, se limite a reproduzir os diferentes conteúdos presentes na internet, deixando assim de ser protagonista no processo de ensino-aprendizagem.

No início de sua apresentação, o grupo enfatizou que a prática de “copiar” e “colar” determinados textos presentes na internet é uma das principais queixas dos professores. Em sequência, foi lançado o seguinte desafio para a turma: “Quem nunca pegou um texto e ‘colou’?”

Também foi lembrado o fato de que copiar material alheio e apresentar ao professor como se fosse algo produzido pelo próprio aluno é uma prática anterior à popularização da internet: “Antigamente, os alunos pegavam textos prontos de livros, ‘emendavam’ alguns pedaços e entregavam o trabalho para o professor”.

Para os alunos, o sistema escolar, ao estimular à decoreba, leva o estudante a “querer tudo pronto”, levando assim à prática conhecida como “Ctrl +C, Ctrl+V”. Não obstante, isso acarreta sérios prejuízos para o desenvolvimento cognitivo e o senso crítico dos discentes, além de gerar dificuldades de interpretações; fatores que, de acordo com os membros do grupo, podem explicar o porquê de as pessoas compartilharem tantas notícias falsas nas principais redes sociais.

Outra questão destacada pelos alunos foi que, atualmente, ao contrário de outras épocas, os estudantes em geral, ao procurarem sobre alguma informação, não recorrem mais aos professores ou aos livros, mas ao Google.

De acordo com Gabriel (2010), no tocante ao acesso à informação e a construção do conhecimento, o indivíduo contemporâneo, sobretudo aquele que se encontra na faixa etária referente à chamada Geração Z, é caracterizado como um sujeito que recorre constantemente ao Google e a outros sites de busca (que se constituem em espécies de “oráculos digitais”).

Nesse processo, frente à inumerável quantidade de informações presentes na internet e à impossibilidade de processá-las (devido às próprias limitações humanas), o usuário do espaço virtual delega a função de filtrar e escolher qual o conteúdo acessar para os “oráculos digitais”, que passam a definir, em última instância, o que é e o que não é relevante na rede mundial de computadores.

Desse modo, assim como os oráculos na Grécia Antiga; buscadores como *Google*, *Yahoo* e *Bing*, entre outros, indicam às pessoas quais caminhos e escolhas devem seguir. Não por acaso, a expressão “*google it*” (“googlar”, em tradução livre) passou a ser verbo oficial da língua inglesa em 2006 (GABRIEL, 2010).

Não obstante, um levantamento realizado por Sparrow; Liu e Wegner (2011) sugere que ferramentas de pesquisa como o Google estão mudando os padrões de pensamentos das pessoas. Nesse sentido, a facilidade de acesso aos conteúdos presentes na rede mundial de computadores pode fazer com que não lembremos de determinadas informações, mas *onde* encontrá-las.

Na realização do referido estudo, uma série de quatro experimentos testou como as pessoas se lembravam de informações se elas estivessem armazenadas de modo acessível (como na internet, por exemplo). Em cada caso analisado, as pessoas lembravam menos de determinados conteúdos se pensassem que as informações estariam armazenadas na rede mundial de computadores do que se acreditassem que não estivessem disponíveis no espaço virtual. *“The Internet has become a primary form of external or transactive memory, where information is stored collectively outside ourselves”* (SPARROW; LIU E WEGNER, 2011, p. 776)⁸.

Desse modo, “se podemos achar uma determinada informação *online*, temos uma probabilidade menor de lembrar dela. No entanto, se a informação não puder ser acessada facilmente *online* (e soubermos disso), as chances de nos lembrarmos dela são maiores” (IDGNow, 2011).

O estudo concluiu que internet e as ferramentas de busca não necessariamente comprometem a inteligência humana. Em vez disso, estaríamos ficando mais sofisticados em encontrar informações, pois poderemos liberar energia e memória do cérebro para outras tarefas, o que tecnicamente tende a nos trazer ganhos cognitivos.

O décimo texto trabalhado no seminário – “Aliada, não inimiga” – sugere que a escola não deve negar as novas tecnologias e os constantes contatos dos alunos com os aparatos digitais. Rejeita também a “posição tecnofóbica”, de total aversão ao uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação; e a “visão tecnofílica”, de enaltecimento da tecnologia como possibilidade de solucionar todos os problemas educacionais.

Assim como fizeram outros grupos, as alunas iniciaram sua apresentação com dois questionamentos: “Quantas vezes vocês já se pegaram distraídos pelo uso do celular em sala de aula?” “O celular já ajudou vocês na sala de aula?”

De acordo com o grupo, a internet no ambiente escolar não é “aliada” e tampouco “inimiga”; seu uso é questão de bom senso. É “aliada” quando o professor esquece um determinado assunto e pede para que os alunos pesquisem sobre, pois “a internet tem muita coisa que o livro (por ser ‘mais antigo’) não tem”; é “inimiga” quando, “na hora de explicação da matéria, o aluno está distraído, ‘interagindo’ com o seu celular”.

As alunas também enfatizaram que muitos professores são radicalmente contrários ao uso pedagógico das novas tecnologias, o que nos remete aos abismos existentes entre o atual público discente, de um lado; e as instalações escolares, de outro lado.

As novas gerações falam uma língua bem diferente daquela que servia para comunicar os que se educaram tendo a escola como seu principal meio de

⁸ “A Internet se tornou uma forma primária de memória externa ou transativa, onde as informações são armazenadas coletivamente fora de nós mesmos” [Tradução livre].

socialização e a “cultura letrada” como seu horizonte universal. [...] O desafio é enorme, pois implicaria inventar um dispositivo capaz de fazer com que essas paredes corroídas e cada vez mais infiltradas voltem a significar algo e, desse modo, que se transforme tanto a sua velha função confinante e disciplinadora quanto a sua condição emergente de mero galpão ou depósito. [...] Será necessário transformar radicalmente as escolas [...] redefini-las como espaços de encontro e diálogo, de produção de pensamento e decantação de experiências capazes de insuflar consistência nas vidas que as habitam (SIBILIA, 2012, p. 207,208,209,210).

Diante dessa realidade, para muitos docentes torna-se mais fácil e cômodo simplesmente proibir o uso das TICs no ambiente escolar do que buscar entendê-las e incorporá-las no contexto de sala de aula.

Sataniza-se o equipamento, o celular, e destaca-se o quanto os alunos, crianças e jovens, envolvem-se por tudo o que esta tecnologia de informação e comunicação possibilita, deixando assim de se interessarem pelas aulas dos seus professores. Então, neste caso, a opção melhor é mesmo proibir, censurar, pois se trata de uma concorrência desleal, argumenta a maioria (VIANA e BERTOCCHI, 2013).

Todavia, o professor que nega as novas tecnologias, não pode também negar o fato de que elas estejam constantemente presentes no cotidiano discente, pois “na sociedade contemporânea, as crianças já nascem imersas num mundo midiático e vivem diferentes relações com a tecnologia digital” (GOMES, 2016, p. 152).

Após a apresentação, um aluno pediu a palavra e teceu o seguinte comentário: “Vejam a evolução na escola: antes o professor só usava o quadro e o giz, depois pincel, depois slides. É irreversível, é a evolução” (ALUNO DO PROEJA, 2019).

O décimo primeiro texto discutido em sala de aula – “*Fake News*” – conforme o título já indica, aborda as notícias falsas divulgadas em larga escala nas redes sociais.

As *fake news* podem existir por cinco motivos: com o intuito de enganar o leitor; como uma tomada acidental de partido que leva a uma mentira; com algum objetivo escondido do público, motivado por interesses; com a propagação acidental de fatos enganosos; ou com a intenção de fazer piada e gerar humor (THE TELEGRAPH apud BRITO, 2017).

Os alunos salientaram que notícias falsas são antigas, porém a internet potencializou suas divulgações. Também listaram alguns fatores que, segundo eles, tornam determinados indivíduos mais vulneráveis a acreditar em *fake news*: baixa escolarização, radicalismo ideológico e idade avançada (pois indivíduos mais velhos – acostumados aos tradicionais veículos de comunicação como o rádio, a televisão e o jornal impresso – tendem a considerar como “verdade” todo o conteúdo presente nas diferentes mídias).

Para os discentes, existem algumas possibilidades de se identificar uma *fake news*, como a investigação sobre uma mesma notícia em vários *sites*, verificar a data de sua divulgação, duvidar de títulos tendenciosos e chamativos, consultar especialistas sobre um determinado assunto e, acima de tudo, manter ceticismo quando uma notícia traz a seguinte informação: “compartilhe com o maior número de pessoas possível”.

Uma aluna afirmou já ter recebido várias *fake news* no grupo familiar de *WhatsApp*, principalmente de “pessoas mais velhas e conservadoras”. Para outra discente, “as postagens

de fake news aumentaram na eleição do ano passado [2018] e depois da greve dos caminhoneiros”.

Encerrada a apresentação, o professor fez uma análise sobre a temática do texto debatido:

Tão prejudicial quanto uma notícia falsa é conceder a algum órgão (seja público ou privado) o direito de determinar o que são *fake news*. Trata-se de uma questão complexa que pode representar um primeiro passo para introduzir a prática da censura na internet. Acredito que receptores críticos, que checam informações, comparam diferentes tipos de fontes e não têm receio de rever posicionamentos, dificilmente serão alvos vulneráveis às *fake news*. Cabe à escola ajudar na formação desse receptor crítico (PROFESSOR DO PROEJA, 2019).

Antes da apresentação do último texto (“Os haters”), o professor enfatizou que a ordem das apresentações dos textos trabalhados no seminário foi programada de modo que os artigos pudessem “dialogar” entre si:

Eu fiz essa sequência do seminário pensando, justamente, para que o assunto tratado em um texto fosse complementado pelo texto posterior. Daí o porquê de os seis primeiros textos abordarem a influência da internet nas relações sociais; o que gera a “facebookzação da realidade”, as representações de personagens nas redes sociais, a perda da privacidade causada pelo meio virtual, o passado que sempre vem à tona nas *timelines*, o ser “cíbrido” – *on* e *off* ao mesmo tempo – e, por fim, a dependência tecnológica. Na segunda parte, há as modificações causadas pelo espaço virtual na construção do conhecimento, principalmente nas práticas escolares. Vocês vão perceber que o “*hater*” é um “leitor de post” que compartilha várias “*fake news*”, para quem sempre temos que “explicar o óbvio” (PROFESSOR DO PROEJA, 2019).

Como um dos integrantes do grupo havia faltado à aula, a apresentação do artigo “Os haters” foi feita por uma única aluna que, apesar da ausência do colega, demonstrou bastante segurança em sua fala: “Vou começar com a definição de ‘haters’, que pode ser traduzido do inglês como ‘os odiadores’ ou ‘aqueles que odeiam”.

Segundo a discente, o que caracterizam os haters são o conservadorismo, o apego excessivo às tradições, os ataques aos professores (caracterizados como “doutrinadores comunistas”), a repulsa às mulheres que pertencem a movimentos feministas (pejorativamente designadas como “feminazis”) e a crítica ao chamado “politicamente correto”.

Os *haters* atacam o argumentador e não o argumento, e seus ataques nas redes sociais são feitos em bloco, vários ao mesmo tempo se juntam para atacar alguém ou alguma postagem. Eu, por exemplo, quando vejo uma postagem na internet, não quero criar conflitos, criar polêmicas. Só vejo, se gosto, eu curto e pronto, não comento (ALUNA DO PROEJA, 2019).

De acordo com Ladeira (2016), obviamente a rede mundial de computadores não inventou o racismo, o sexismo, a homofobia ou tampouco o preconceito de classe. Tais sentimentos perniciosos acompanham a humanidade desde tempos imemoriais. Entretanto, um sujeito que, isoladamente, não expõe determinadas ideias preconceituosas, a partir do momento em que acessa uma determinada rede social, e entra em contato com outros

indivíduos com posições tão equivocadas quanto as suas, se fortalece e passa a não mais temer a hipótese de revelar aspectos obscuros de sua personalidade.

Encerrado o seminário, foi exibido o curta-metragem “Namorado sem rede social”, que, conforme o título já pressupõe, mostra o desespero de uma moça ao tomar conhecimento de que seu namorado não possui nenhum perfil nas variadas redes sociais, pois ele privilegiava a “vida real” em detrimento da “vida virtual”.

Considerações finais

Conforme pudemos observar, o fato de os alunos aplaudirem entusiasmados a cada apresentação de seus colegas, e também o grande interesse em participar dos comentários após cada apresentação, demonstra que promover um seminário sobre o espaço virtual é uma prática pedagógica importante, não apenas por levar os estudantes a refletirem sobre como utilizam a internet em seus cotidianos e nas pesquisas escolares, mas os estimula a formular argumentos e expressarem suas opiniões em sala de aula.

É importante destacar o papel desempenhado pelo professor de Geografia, pois, além de oferecer um oportuno espaço para se debater uma temática ainda pouco abordada nas instituições escolares, foi responsável por fazer pontuais comentários após cada apresentação dos alunos, o que veio a enriquecer ainda mais o seminário “Espaço virtual: riscos e possibilidades”.

Antes da popularização da internet, devido às limitações de acesso e características dos meios de comunicação de massa anteriores, um dos grandes desafios didáticos do professor era orientar os seus alunos na *busca* por informações. No entanto, atualmente, em meio à grande quantidade de conteúdos presentes no espaço virtual, o docente tem a estratégica função de auxiliar os discentes na *filtragem* e *gerenciamento* de informações.

No tocante ao processo de ensino-aprendizagem, as novas tecnologias, ao proliferarem e, de certa maneira, democratizarem o acesso ao conhecimento, transformam radicalmente as relações entre professores e alunos, pois pode-se afirmar que a escola vem perdendo categoricamente o monopólio de centro privilegiado de irradiação, transmissão e socialização do saber. Conforme bem colocam Melo e Tosta (2008), com a grande disponibilidade e fácil acessibilidade de conteúdos presentes nos meios de comunicação de massa, o professor não é mais o único “informador”, isto é, as informações também chegam até os alunos através da televisão, jornais e, sobretudo, pela internet.

Desse modo, as práticas pedagógicas contemporâneas devem reconhecer no aluno um sujeito social amplamente impactado pelos modernos meios de comunicação. Levando-se em consideração que uma parcela considerável do cotidiano do indivíduo contemporâneo é vivida no ambiente escolar, é importante refletir sobre como a tecnologia da informação é trabalhada em sala de aula.

Portanto, espera-se que os mais diversos contextos escolares discutam e se apropriem dessas tecnologias para que os alunos também incorporem em seus cotidianos as inúmeras

possibilidades oferecidas por aplicativos e equipamentos como computadores, *laptops*, celulares e *tablets*.

Referências Bibliográficas

ASHTON, K. That ‘internet of things’ thing. **RFID Journal**, 22(7), p. 97–114, 2009. Disponível em: <http://www.rfidjournal.com/articles/pdf?4986>. Acesso em: 22 out. 2019.

BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. **Cegueira Moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAUMAN, Z.; LYON, D. **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

BRITO, S. O impacto das fake news no dia a dia do jornalismo, **Observatório da Imprensa**, ed. 964, São Paulo, 30 de out. de 2017. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/pos-verdade/o-impacto-das-fake-news-no-dia-dia-do-jornalismo/>. Acesso em: 25 out. 2019.

CHAO, M L. Paparazzo de si mesmo. **Revista Planeta**, Comportamento, n. 478, 1º de jul. de 2012. Disponível em: <https://www.revistaplaneta.com.br/paparazzo-de-si-mesmo-2/>. Acesso em: 19 mai. 2018.

CHESNEAUX, J. **Modernidade-mundo**: brave modern world. Petrópolis: Vozes, 1995.

COUTO, E. S. *et al.* Da cultura de massa às interfaces na era digital. **Revista Faced**, Salvador, n. 14, p. 105-118, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1185/1/2657.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

DEMO, P. Olhar do educador e as novas tecnologias. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 15-26, mai./ago. 2011. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts>.

FABIANO, K. Família dobrou gastos com celular, xampu e jogos. **A Tribuna**, Vitória, Economia, Ano LXXXI, n. 26.866, p. 23, out. de 2019.

GABRIEL, M. A era da busca: oráculos digitais (palestra). **Café Filosófico**, CPFL, Campinas, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l-pizlv6KGc&t=4815s>. Acesso em: 26 out. 2019.

GABRIEL, M. **Educ@r – A (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1988.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <https://rae.fgv.br/rae/edicoes-anteriores>

GOMES, S. dos S. Infância e Tecnologias. In: COSCARELLI, C. V. (org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 145-158.

GUERRA, L. B. “Cérebro, criança e mídia”, **Pontocom**, Rio de Janeiro, 18 de ago. de 2010. Disponível em: <http://revistapontocom.org.br/nao-categorizada/cerebro-crianca-e-midia>. Acesso em: 16 out. 2019.

IDGNow. **Para cientistas, Google está mudando a maneira como pensamos**, 18 de jul. de 2011. Disponível em: <https://itmidia.com/para-cientistas-google-esta-mudando-a-maneira-como-pensamos/>. Acesso em: 25 out. 2019.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018: primeiros resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101670.pdf>. Acesso em: 6 out. 2019.

KEMP, S. Digital in 2018: World's internet users pass the 4 billion mark, **We are social**, Special Reports, 30 jan. 2018. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>. Acesso em: 5 out. 2019.

LADEIRA, F. F. Múltiplas Realidades, **O Tempo**, Opinião, Belo Horizonte, p. 17, 20 de abr. de 2019.

LADEIRA, F. F. Mundo virtual: riscos e possibilidades, **Obvious**, Observando o Cotidiano. Disponível em: http://obviousmag.org/observando_o_cotidiano/2016/mundo-virtual-possibilidades-e-riscos.html. Acesso em: 24 out. 2019.

LADEIRA, LADEIRA, F. F.; LEÃO, V. de P. **A influência dos discursos geopolíticos da mídia no ensino de Geografia: práticas pedagógicas e imaginários discentes**. Curitiba: CRV, 2018.

LÉVY, Pe. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2003.

MAIS da metade da população mundial usa internet, aponta ONU, **G1**, Rio de Janeiro, Economia, 7 de dez. de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/12/07/mais-da-metade-da-populacao-mundial-usa-internet-aponta-onu.ghtml>. Acesso em: 5 out. 2019.

MANCINI, M. Internet das Coisas: sua história, conceitos, aplicações e os desafios para projetos. **Revista Design Management**, p. 16-22, 24 fev. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326065859_Internet_das_Coisas_Historia_Conceitos_Aplicacoes_e_Desafios.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. 26. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. *In*: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 15. ed. Campinas: Papyrus, 2009.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

MELO, J. M. de; TOSTA, S. P. **Mídia & Educação**. Coleção Temas & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O TEMPO. **Tempo de tela está ligado a depressão em adolescentes**. *Interessa*, Belo Horizonte, 6 de jun. de 2018. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/tempo-de-tela-est%C3%A1-ligado-a-depress%C3%A3o-em-adolescentes-1.1852893>. Acesso em: 6 out. 2019.

PRENSKY, M. Digital Native, digital immigrants. **Digital Native immigrants. On the horizon**, MCB University Press, v. 9, n. 5, October, 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 7 out. 2019.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, C. C. **Informação em excesso: a normose e a percepção de nativos e imigrantes digitais no Twitter**. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense (UNEF), Campos dos Goytacazes, RJ, 2011.

SILVA, M. A. R. da; ROCHA, M. das V. F. da. O ProInfo como Política Pública de Inclusão Digital: desafios e perspectivas. **Revista Eletrônica Inter-Legere**, Natal, n. 13, p. 64-74, jul./dez. 2013. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/13/pdf/es02.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2019.

SPARROW, B.; LIU, J.; WEGNER, D. M. Google effects on memory: Cognitive consequences of having information at our fingertips. **Science**, Washington, p. 776–778, 2011.

STRICK, K. Women spend FIVE-HOURS week taking selfies one five upload social media make ex partner jealous, **Mailonline**, Femail, London, 24 April 2015. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/femail/article-3053822/Womenspend-FIVE-HOURS-week-taking-selfies-one-five-upload-social-media-makeex-partner-jealous.html>. Acesso em: 25 out. 2019.

VASEN, J. **Las certezas perdidas: padres y maestros antes los desafíos del presente**. Buenos Aires: Paidós, 2008. *In*: SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

VIANA, C. E.; BEROCCHI, S. Mobilidade e convergências nos projetos pedagógicos, **Acervo Educarede**, 21 de mai. 2013. Disponível em: <http://www.aberta.org.br/educarede/2013/05/21/pelo-celular-la-na-escola/>. Acesso em: 24 out. 2019.

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.